

ENTREVISTAS

ARQUITECTO CAMILO REBELO E ARQUITECTO PEDRO TIAGO PIMENTEL

18 de Julho de 2014

ARQUITECTURA NO VALE DO CÔA

Como foi a experiência de intervir num território como o Vale do Côa?

Tiago P.: *A particularidade desta obra é que se localiza exactamente no local na transição de três paisagens que são protegidas, duas delas património mundial, o Douro Vinhateiro e o Vale do Côa, que possui as gravuras, e depois também o Parque do Douro Internacional, paisagem protegida. Portanto o edifício situa-se numa encosta sobranceira à foz do Côa com o Douro e tinha estas paisagens esmagadoras, não só como pano de fundo, como também de suporte.*

Depois o próprio edifício decorria de um processo que foi a salvaguarda de um património cultural associado à paisagem. Neste caso as gravuras no Vale do Côa cujas especificidade, ao contrário das Lascaux, com as quais se poderiam fazer algumas relações, são diferentes por serem ao ar livre e não em gruta e portanto foi isso que esteve na origem de suspender a barragem, pois estas tinham de ser mantidas naquele local. Portanto para nós que somos arquitectos, não somos arqueólogos, nem historiadores, tratava-se de como se conseguia construir um edifício, com que escala, naquele território que tem outra particularidade que é o facto de não ter construções. Ou seja, normalmente um edifício tem sempre uma relação de escala com uma envolvente mais próxima, neste caso não, a envolvente mais próxima é o território e toda a sua escala. Isto era um desafio enquanto arquitectos extremamente aliciante, porque é raro e vai ser cada vez mais raro, se é que alguma vez vai voltar a acontecer possibilidades destas. Quer dizer, claro que vai haver, mas é uma possibilidade que raras vezes se oferece e isto foi o que nos motivou a querer fazer o concurso.

Camilo R.: *Acho que também há outro aspecto, o aspecto que o Tiago falou é determinante, mas acho que também há outro sentimento que tivemos que é no momento em que uma pessoa corta o monte todo e ainda não fez o museu (nós chegamos a fotografar). Ou seja, uma coisa é antecipar que estamos num sítio privilegiado, que realmente é, mas depois também há o sentimento de*



Fig. 75 Arquitectos Camilo Rebelo e Tiago Pimentel

responsabilidade e de oportunidade. Eu lembro-me quando nós chegamos, imaginem esta peça tem cerca de 200 metros de comprimento, imaginem o que é tirar o equivalente a 4 pisos de altura com 200 metros de extensão, ou seja, quando chegou ao fim da escavação, era uma intervenção numa paisagem que nunca mais tem volta e portanto, no mesmo momento há um sentido de um enorme dever e de uma enorme responsabilidade. Isso é absolutamente único, este é um sentimento que ultrapassa e que é muito difícil realmente de ter como condição para trabalhar. Claro que também havia muitos testes, muitas experiências feitas que anteciparam esse momento, mas é um momento significativo.

Tiago P.: *Não a angústia, é que, enquanto arquitectos como é raro trabalhar á escala do território também é difícil, por muitos ensaios que se façam nas maquetes e com todos os instrumentos que temos à nossa disposição, reproduzir o impacto real da obra no local. A primeira coisa que nós fizemos quando foi a construção do edifício, antes de fazerem qualquer tipo de escavação, foi montar gruas e torres de iluminação nos 2 vértices do edifício e com a altura que o edifício ia ter, para depois dando uma volta pelo território e pelos montes, nós podermos avaliar, fazer uma espécie de maquete á escala natural e ver se o edifício realmente estava no sítio certo ou não. Porque é isto que o Camilo diz, ou seja, esta responsabilidade de estar a intervir num património cultural e paisagístico com aquele peso e todos os instrumentos que temos são sempre insuficientes para verificar se é aquilo ou não. Quer dizer o teste verdadeiro é quando aquilo for feito, mas quando aquilo for feito, está feito. Portanto é engraçado enquanto processo de trabalho, porque faz-nos confrontar com coisas que na maior parte das escalas de intervenção que temos não é possível ter.*

Após a polémica gerada em torno da construção da barragem do Côa e das gravuras descobertas neste território, como pode o arquitecto ter uma intervenção positiva na melhoria e desenvolvimento desta?

Tiago P.: *Em relação á polémica da barragem, este foi um processo que decorreu durante a pré-intervenção do Arquitecto. Quando nós fomos chamados a intervir, já era uma situação posterior. Agora o maior significado que existe na barragem do Côa é que, independente de todas as outras percepções, a paragem da mesma deu-se em detrimento da salvaguarda do património cultural.*

O nosso papel como arquitectos é responder a uma coisa muito precisa, neste caso era um edifício, na prática eram dois edifícios, porque era os serviços de museu e os serviços de investigação das unidades relacionadas com o trabalho das gravuras, levantamento, salvaguarda e as visitas. Portanto a nossa resposta é como é que se constrói um edifício para albergar estas funções, mas o local e a paisagem onde ele é feito levantam outras questões. Portanto, o nosso papel enquanto arquitectos foi não fazer um edifício, em primeiro lugar, porque achávamos que os museu normalmente são associados a construções muito urbanas e em contextos muito urbanos e desde início a nossa opção foi fazer não um edifício, pois era o que o local ditava e pedia. Em segundo lugar, fosse um projecto que pudesse ser utilizado por todos para além do próprio âmbito do edifício e isso passou genericamente, de uma maneira muito simples, criar uma plataforma na paisagem que é feita pela paisagem, com a paisagem e a partir da paisagem e, deste modo, este pudesse ser utilizado por toda a gente, independentemente de serem frequentadores do museu, trabalhadores ou não.